

Tese para a dialética como método de exposição (no “Capital” de Marx)¹

HANS FRIEDRICH FULDA²

A conversão da Filosofia em Teoria Crítica da Sociedade, no modo como ela foi paradigmaticamente empreendida por Marx e desde então sempre novamente tentada, traz em si já na sua origem um problema que não foi efetivamente solucionado. Já o jovem Marx o expressou ao perguntar: “Como lidamos com a *dialética* hegeliana?” (Karl Marx, *Frühe Schriften*, I. Band, hrsg. Von H.-J. Lieber und P. Furth, p.637. Na sequência citado como “FS”). Voltando-se polemicamente contra os teólogos críticos da escola hegeliana, ele o nomeou como a pergunta apenas “*aparentemente formal*, mas efetivamente *essencial*” (ibid., p.637). Na época de elaboração da *Crítica da economia política* e do *Capital*, Marx deu a entender estar convicto de possuir uma resposta a essa pergunta. Quando se livrasse do fardo econômico, assim pensa Marx em 1868, ele escreveria uma “dialética” (Carta de 9/5/1868). Ele não deixou nenhuma dúvida de que uma tal “dialética” poderia assumir um momento racional do método descoberto por Hegel e de que ele acreditava já ter incorporado seus pensamentos fundamentais na exposição do sistema da economia burguesa – pensamentos de cujo fardo ele não teria afinal condições de se livrar. Assim poder-se-ia pensar estar suficientemente nítido que

1 O texto original em alemão foi publicado primeiramente em Beyer, Wilhelm R. u.a. (Hrsg.): Hegel-Jahrbuch, 1974, Köln, 1975, S.204-210. Tradução: Hernandez Vivan Eichenberger (e-mail: jarivaway@gmail.com) e Marcos Sirineu Kondageski (marcosk25@yahoo.com.br). Os tradutores agradecem a Hans Friedrich Fulda, que gentilmente autorizou a publicação da tradução. E também a Jorge Luís da Silva Grespan, que fez uma cuidadosa revisão, muito valiosa para a redação da versão final da tradução.

2 Professor de filosofia da Universidade de Heidelberg.

a resposta de Marx não se realizou. Não existe até hoje, porém, nenhuma concordância acerca do valor e do caráter da herança dialética assumida por Marx, isso valendo não apenas entre os críticos do marxismo, mas também entre aqueles que se sentem comprometidos com o programa de Marx. Tratar-se-ia nessa herança de um notável capital? Tratar-se-ia de uma hipoteca que pesa duramente sobre o empreendimento crítico-social ou de um tesouro ainda escondido? A crítica e a autocrítica da ortodoxia marxista levaram muitos, nas últimas décadas, a sentir a herança como sufocante. De minha parte eu gostaria de tratá-la preferencialmente como algo não descoberto. E desejo, antes de tudo, saber tomar minhas teses como prescrições de como se pode encontrar e desenterrar o suposto tesouro.

1ª Tese

As declarações de Engels acerca da dialética materialista não conduzem à pista correta. Engels procurou na obra póstuma de Marx inutilmente por um esboço sobre a dialética – esboço que supunha estar lá. Os contextos nos quais ele empreendeu uma tomada de posição acerca das questões da dialética foram diferentes daqueles nos quais Marx considerou a dialética hegeliana como “absolutamente a última palavra de toda a filosofia” (Carta de 31/05/1858).

2ª Tese

O procedimento que conduz à pista correta é este: deve-se investigar como os escritos econômicos sistemáticos de Marx organizaram o material da economia burguesa de seu tempo. Os pontos de vista sob os quais essa investigação deve ser conduzida surgem quando vinculamos as declarações diretas de Marx acerca da dialética – tais como se encontram no *Capital*, nos *Grundrisse* e nas cartas dessa época – com sua crítica, realizada nos anos 1840, à dialética hegeliana.

3ª Tese

Ainda que Marx tenha, em meados dos anos 1840, rompido com o ponto de vista de Feuerbach, é possível e adequado interpretar o programa tardio de uma transformação da dialética especulativa com ajuda da crítica anterior à dialética hegeliana, crítica que precede tal “ruptura”. Mais ainda: é justamente essa interpretação que autoriza descobrir nas frases nucleares do programa da transformação um sentido até agora não notado. A interpretação da qual devemos nos ocupar torna elucidativa especialmente a imagem de Marx da *virada do avesso* [*Umstülpung*] da dialética hegeliana. Ela também autoriza mostrar que, com a inversão [*Verkehrung*] da dialética idealista em uma dialética materialista que deve ser o seu contrário direto, não são substituídos apenas os substratos do procedimento e da estrutura da dialética; mas sim que, com ela, também a forma da dialética se submete a uma mudança, da qual surge um novo conceito de dialética e que se afasta de Hegel em muitos pontos.

Para a fundamentação da terceira tese:

1. As declarações de Marx na juventude e na maturidade sobre a dialética de Hegel e sobre a sua pretendida transformação concordam entre si em pontos centrais. São ao menos as seguintes: o erro fundamental de Hegel, também em relação à sua dialética, seria o idealismo. A ele seria preciso contrapor uma concepção materialista de dialética. Uma consequência do idealismo seriam as mistificações que a dialética sofreria nas mãos de Hegel. Seria preciso criticá-las. Apesar de suas mistificações, a dialética de Hegel conteria um núcleo [*Kern*] racional que vale ser liberado. Ele deve conectar-se do modo mais estreito à avaliação de Hegel acerca da negatividade e do papel da contradição, que asseguram à dialética sua função crítica e revolucionária.

2. Todos esses pontos situam-se num âmbito que é neutro em relação à avaliação do humanismo naturalista de Feuerbach. Também não se deve escamotear que, originalmente, Marx chegou a falar sobre eles em conexão com reflexões nas quais ele cuidadosamente validou, contra a insistência de Feuerbach na positividade do humano imediato, a insistência de Hegel sobre a necessidade da mediação histórica. Não foi *como* feuerbachiano que Marx tentou encontrar na dialética de Hegel os seus lados bons; mas sim precisamente como pensador que, com a ajuda da concepção hegeliana de “dialética da negatividade como o princípio que move e produz” (*FS*, p.645; veja p.640), já estava prestes a superar o ponto de vista de Feuerbach. Portanto, ele não assumiu também a reinterpretação dialógica da dialética hegeliana feita pelo próprio Feuerbach. A ruptura com o feuerbachianismo, que diferencia o jovem Marx do crítico da economia que depois ele se tornou, não fornece, portanto, nenhuma razão suficiente contra a tentativa esclarecedora de ver o programa dialético tardio à luz da primeira discussão com Hegel.

3. Marx diz no posfácio da segunda edição do primeiro livro de *O capital* que a dialética em Hegel estaria na cabeça. E a isso ele imediatamente vinculou a exigência de virá-la do avesso [*umstülpen*] para descobrir no invólucro místico o núcleo racional. A expressão “virar do avesso” é frequentemente compreendida como se ela significasse nesse posfácio apenas tanto quanto “virar de cabeça para baixo” [*Umkehren*] (veja, p. ex., Louis Althusser, *Für Marx*, Frankfurt am Main, 1968, p.52 ss.). Ao que parece, o virar de cabeça para baixo deve tirar a dialética da cabeça e pô-la nos pés, para que assim o núcleo racional caia do invólucro místico, como o coelho cai da cartola que tiramos da mão do mágico e que, sacudindo com força, viramos de cabeça para baixo.

Se tornarmos presente o sentido exato no qual os escritos do jovem Marx falam sobre o misticismo de Hegel, vemos facilmente que não se tem em vista esse simples contratuque contra o mágico especulativo. “Virar do avesso” assinala antes um procedimento tal como, por exemplo, se aplica a uma luva. Também nesse procedimento aquilo que antes estava em cima – circunstancialmente de modo invertido – vai agora para baixo. Mas, ao mesmo tempo, aquilo que antes

estava fora, embora pertença circunstancialmente ao interior, vai agora de fato para dentro; e aquilo que nesse caso estava falsamente dentro vai para fora. Por exemplo, se na luva estava escondido um caroço [*Kern*],³ então ele virá por si mesmo inteiramente à luz nesse processo de virar do avesso; seu revestimento é “arrancado”. No entanto, a imagem do caroço pode ser tomada de modo igualmente ilustrativo também em sentido contrário: se a luva estiver invertida e houver um caroço preso a ela – portanto, fora dela –, será preciso virar a luva do avesso, a fim de poder descobri-lo *no* invólucro *como* seu núcleo. Apenas a devida virada do avesso faz do caroço algo involucrado e, com isso, faz com que ele possa ser concebido como o caroço de uma casca. A mesma coisa acontece quando se põe fim à situação invertida na qual a luva dialética e o seu núcleo racional se encontram em Hegel.

A dialética especulativa, assim pensa Marx, é uma inversão [*Verkehrung*] das relações efetivas na medida em que ela esclarece o efetivo [*Wirkliche*] e, com isso, o que pertence ao interior da nossa exposição como mero aparecimento *exterior*; e, na medida em que ela afirma existir um lado interior das coisas, que esse lado seria o essencial, de modo que toda multiplicidade, o efetivo que avança, formaria uma unidade definitiva, harmônica. A opinião de que tudo – incluindo nós mesmos e nossos problemas efetivos – seria rebaixado a essa unidade constitui a forma *mística* em que se encontra a dialética em Hegel. Essa dialética é comprada – ou melhor, roubada – ao preço da inversão de todas as relações entre interior e exterior, um e muitos, aparecimento [*Erscheinung*] e essência, sujeito e predicado. Pois a inversão é não apenas mística, mas ao mesmo tempo também uma mistificação, um secretismo que conduz ao erro. Não é verdade que haja tal interior místico – a ideia unitária do um, em cuja cabeça filosofante está posta a dialética. Na verdade, as ideias do todo harmônico pertencem ao exterior, estão no lado dos aparecimentos sociais. Elas são aparências [*Schein*] que aderem rigidamente a esses aparecimentos. A mistificação tem consequências – assim como a transformação da dialética em um método que põe fim às mistificações. Onde elementos incompatíveis são registrados sob as partes constitutivas do efetivo e como tais caracterizados, mas apenas com o propósito de deixar que sejam logo envolvidos na aparência de uma unidade mística e nela perdurarem, aí também o criticismo, com cuja reivindicação a dialética se apresentou, é um criticismo apenas aparente. Nessa situação, a dialética se torna na verdade acrítica. O insuportável e as contradições que dominam no existente [*im Bestehenden*] se fazem

3 *Kern* significa concretamente o “caroço” (de uma fruta) e, por extensão de sentido, o “centro”, o “núcleo”, a parte mais interior e essencial de algo. O termo português “núcleo” inclui, dentre suas acepções, todos esses sentidos. No entanto, como “núcleo” no sentido de caroço é bem menos usual, decidimos traduzir *Kern* simplesmente por “caroço” nas ocorrências em que ele tem esse sentido mais concreto, i.e., no contexto da metáfora que Fulda emprega neste momento do texto: com isso, visamos não afetar o valor visual dessa metáfora. Nos demais casos, traduzimos *Kern* por “núcleo”.

passar por suportáveis, pelo melhor pensável, pelo racional: por aquilo que com todo o resto constitui um todo benfeito. Uma vez que se tenha feito isso, já não se pode, conforme a opinião de Marx, tirar mais nenhuma consequência prática do registro das contradições. Não se pode mais pretender pôr de lado sua existência (veja *FS*, p.365). Por isso, o erro capital de Hegel deve consistir no fato de “que ele toma a *contradição do aparecimento* como *unidade na essência, na ideia*” (*FS*, p.377). Visto que Hegel compreendeu também a negação da negação em seu significado metódico como contradição, deve-se repreender nela uma falha estreitamente aparentada com aquele erro capital: ela tem a função de confirmar a essência aparente e a transformação dessa essência aparente no sujeito (*FS*, p.655). Deve ser rejeitada do modo mais agudo também a mediação absoluta no silogismo [*Schluss*] racional, mediação que tem o papel de explicitar e tornar compreensível a transformação da essência aparente em sujeito e, com isso, a função da negação (*FS*, p.367 ss.).

Em contrapartida, se a dialética hegeliana é transformada na medida em que é virada do avesso, então não apenas a unidade essencial passa para o lado do exterior e da aparência, mas a contradição assume agora seu lugar correto. Ela se torna o interior e o verdadeiramente essencial, ou como Marx dirá no *Capital*: a “fonte originária de toda dialética” (*Das Kapital*, I. Band, Berlin 1953, p.626). O efetivo tem de ter sua racionalidade essencial não em uma unidade pretensamente existente, mas sim unicamente na contradição do todo racional e, com isso, no caráter do existente, instável e direcionado contra si mesmo. O efetivo tem esse caráter sobretudo na relação daquilo que é o existente com aquilo que alega ser tal existente. Ele possui uma “*efetividade* que é por todos os ângulos o contrário daquilo que ela proclama e que proclama o contrário daquilo que ela é” (*FS*, p.339). O resultado disso para a dialética é que não lhe é mais permitido progredir a cada vez de uma unidade imediata para uma unidade mediada mais profunda; diferentemente, ela conduzirá a cada vez de uma contradição imediata e relativamente superficial para uma contradição mais essencial, que domina um âmbito maior de aparecimentos e que, por isso, tem consequências que se prolongam continuamente (veja *FS*, p.377). É apenas esse procedimento que torna possível a verdadeira crítica. Ele não apenas mostra as contradições isoladas como existentes, mas também as conduz a uma conexão sistemática, esclarece-as e concebe tanto a sua gênese como a sua necessidade. “Ela as toma em seu significado *peculiar*” (*FS*, p. 377) e, com isso, diferencia-se da crítica dogmática, que é a preferida dos jovens hegelianos, que ainda luta com seu objeto e encontra contradições por toda a parte (*ibid.*).

Essa concepção de negatividade como o princípio que move e produz é o que há de racional na dialética hegeliana. Visto que ela não se encontra caracterizada desse modo na dialética de Hegel, pode-se metaforicamente assinalá-la como aquilo que vem à luz quando se arranca o invólucro místico da dialética hegeliana. É assim que falará quem quiser enfatizar que se trata de duas dialéticas diferentes.

Uma está metida na outra como a correta, assim como a luva interna está na luva invertida que foi retirada dela quando virada do avesso. Ao contrário, enfatizando que se trata de uma e a mesma dialética em duas formas distintas, de modo que a figura correta da dialética é apenas o resultado da transformação da que está invertida, então será preciso pôr o acento em algo diferente: agora vale esclarecer que o racional na dialética só é *convertido em* núcleo quando a parte mística constitutiva da dialética hegeliana se torna invólucro exterior – o invólucro que encobre as relações efetivas.

4. Não se trata aqui de decidir se devemos justificar a crítica marxista de Hegel. Mas é certo que, de acordo com os resultados interpretativos agora alcançados, é possível mostrar em poucas palavras até que ponto a dialética crítica que surgiu por meio do virar do avesso se distingue *estruturalmente* da dialética hegeliana. Eu enumero apenas algumas das divergências mais importantes:

- a) Para Hegel, o momento dialético, enquanto negativo-racional, era apenas um dos vários momentos do método e de modo algum o primeiro entre eles. Já que para Marx, em contrapartida, a contradição se torna o mais interior e a fonte originária de toda dialética, então a dialética passa a ser expressão de um todo sistemático no método.
- b) Certamente, esse método agora não é mais a forma semovente de seu conteúdo conceitual todo-abrangente, do qual ela seria simultaneamente o sujeito. Já que o que pode ser afirmado não é a existência de um “idêntico” absoluto, isto é, de algo que concorde consigo, então nem com o conceito de método é possível retornar para aquém de diferenciações como aquelas entre pensar ou pensamento e objeto; ou para aquém da diferença entre essência geral ou conceito e existência individual (veja *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*. Berlin 1953, p. 22). A dialética como método não pode ser mais do que aquilo que tinha levado uma existência parasitária e bastante subdesenvolvida ao longo do “método” de Hegel: a *forma de exposição* racional e ao mesmo tempo crítica de uma matéria que as ciências particulares prepararam e da qual o pesquisador precisa ter se apropriado de um modo diferente do dialético. Hegel pronunciou-se sobre esse conceito subjetivo de método apenas em observações preparatórias – em especial no início da *Enciclopédia* e da *Filosofia da natureza*. Marx, ao contrário, faz desse conceito o *hen kai pan* (“o uno é o todo”) da dialética.
- c) Sem dúvida, essa concepção de método de exposição não é algo totalmente novo em relação a Hegel. Entretanto, o objetivo do “método de elaboração” ou “método de desenvolvimento”, como Marx também o chama (Cartas, 16/01/1858; 06/03/1868), está em exata contraposição ao método hegeliano de “Exposição da Ideia” (Enc. §18). Isso permite a Marx dizer que seu método dialético seria não apenas distinto do hegeliano, mas também seu contrário direto. Ele já não serve à mais alta necessidade que o pensar possui

de realizar no pensamento especulativo a resolução de suas contradições (Enc., §11), mas sim à meta profana de, partindo daqueles que são os mais simples e mais facilmente visíveis, reconduzir os estados, tendências e opiniões que existem, mas que são incompatíveis uns com os outros e que são, nesse sentido, contraditórios, às contradições mais amplamente ricas e situadas em um nível mais profundo. Ele não desenvolve um sistema de unidade de um pensar progressivo até um ponto no qual uma unidade abrangente recolheu todas as pressuposições e, de algum modo, “deduziu” o início; mas sim, ele desenvolve um sistema de contradições até o ponto no qual todas essas contradições “chegam ao processo” (*Grundrisse*, p.139), que submete o sistema como um todo a uma mudança radical transcorrendo no tempo. Ele não é o método de uma teoria de unidade sistemática, mas sim a forma de exposição de uma teoria da catástrofe. Esse é um dos dois pontos altos que resultam de nossa interpretação do “virar do avesso”.

- d) Porém, também em Marx a contradição, ainda que “fonte originária de toda dialética”, não é o primeiro elemento no caminho da exposição. Conectado com a equiparação entre dialética e método de exposição, isso faz com que a expressão “dialética” em Marx seja ambígua: ela pode – em seu sentido estrito – ou descrever as consequências que precisam ser tiradas da contradição descoberta, ou o movimento inteiro de exposição, que inclui o caminho para a descoberta da contradição. Em que consiste esse caminho? Para alcançar uma resposta devemos recorrer ao segundo ponto alto da interpretação supramencionada da “virada do avesso”: se as contradições se tornam o interior e as unidades harmônicas, em contraposição, se tornam o exterior (a aparência que nos aparecimentos encobre as contradições), então o caminho que conduz à respectiva contradição consiste a cada vez necessariamente no desencobrimento e na negação da essência aparente que encobriu a contradição (veja *FS*, p.655). Portanto, longe de Marx ter por meio da transformação da dialética hegeliana simplesmente afastado a sua “mística” como um acessório incômodo, ele ao contrário fez do arrancar dos invólucros místicos, essencialmente pertencentes aos aparecimentos a serem investigados, parte integral constitutiva do próprio método de exposição. As categorias “aparecimento”, “essência” e “aparência” se tornam então suporte para a estrutura vertical do empreendimento expositivo inteiro, em cujo caminho entra um traço fenomenológico penetrante. Contudo, também nesse parentesco distante com a fenomenologia hegeliana o contraste é o que prevalece no que concerne ao procedimento expositivo. Pois naquele lugar sistemático, onde em Hegel está a afirmação de uma respectiva unidade *especulativa*, em Marx está o contrário: a destruição de uma respectiva unidade *aparente*. Pelo contrário, a forma de aparecimento a cada vez nova, na qual as contradições da forma anterior podem se mover,

resulta de acordo com princípios distintos dos da construção hegeliana de uma nova figura da consciência.

- e) Todas as especificidades mencionadas da concepção marxista de dialética podem ser obtidas quando – providos de certo conhecimento de *O capital* – interpretamos as declarações programáticas à luz das primeiras críticas de Marx, ainda como feuerbachiano, a Hegel. Contudo, o mesmo não se passa com outra especificidade. Devemos considerá-la numa outra tese, com a qual eu quero encerrar.

4ª Tese

Para o Marx feuerbachiano ainda não era importante que a dialética de Hegel se deixasse empregar, em figura transformada, como forma de exposição crítico-sistemática dos resultados de pesquisa das ciências particulares (veja *FS*, p.506 ss); mas sim, que com ela pareça ter sido encontrada uma expressão para o movimento da história, que é primeiramente a história do surgimento do homem (veja *FS*, p.640). Pelo contrário, enquanto “método de elaboração” da economia burguesa a dialética foi imediatamente diferenciada da consideração e exposição históricas de seus objetos (veja *Grundrisse*, p.217; p.364; p.405; p.862). Mas, diferentemente do método hegeliano, ela não deve reduzir o histórico à mera nota de rodapé. Antes, a conexão, descoberta pelo método de desenvolvimento, entre aparecimento e essência deve ao mesmo tempo fixar os pontos nos quais a exposição sistemática precisa ser substituída pela consideração histórica (veja *Grundrisse*, p.364) e nos quais deve ser corrigida a aparência [*Anshein*] de que se trataria apenas de desenvolvimentos conceituais (veja *Grundrisse*, p.69). Ainda que, à diferença de Hegel, a dialética seja para Marx um todo no método, ela não é, contudo, o método inteiro de exposição de *O capital*.